

A EXPECTATIVA ...

Essa pesquisa tem como objeto de estudo a contação de histórias. Em uma sessão de histórias o contador convida o ouvinte para *viajar* com ele pelo faz-de-conta. Ele é o protagonista do infinito mundo da imaginação, onde a história narrada provoca a criação de diversas memórias e imagens. Nesse contexto, o aspecto a ser analisado é a relação da atuação do contador, por meio dos seus recursos gestuais e corporais, com a formação das imagens tanto neste como no ouvinte.

Tomo *A poética do espaço*, de Bachelard (1974), como um dos suportes para o desenvolvimento desse estudo. Partindo de uma base referente à formação de imagens, busco perceber como ela acontece na leitura para, depois, desenvolver uma análise dessa experiência criativa na contação de histórias.

Contar histórias é uma atividade que está presente na cultura humana desde os tempos antigos, de forma que não é precisa a localização de seu surgimento. Nos tempos atuais os contadores de histórias se manifestam como arte, às vezes como atividade educativa, como prazer, como atividade de lazer que, por sua vez, permite a manifestação lúdica levando o ouvinte para o mundo do sonho e da fantasia e, conseqüentemente, para um mundo imaginário. Assim, neste mundo atual, por meio dos contadores de histórias, podemos ampliar pontos de vista sobre nossa realidade, viver infinitas experiências e emoções de diferentes maneiras.

O narrador é um personagem que acompanha a humanidade a vários séculos. Assim, as novas configurações assumidas pela humanidade oferecem ao contador novas possibilidades de se manifestar e realizar seu ofício. Uma das principais características que percebemos na atualidade é a profissão do contador de histórias, onde formam-se narradores por meio de estudos, cursos e até oficinas.

O formar novos contadores é um aspecto abordado pelas autoras Café (2005) e Matos (2005), ambas notam que, dessa forma podemos perceber duas maneiras de manifestação desse personagem na atualidade, no sentido de formação e origem. O contador de raiz que se forma naturalmente em seu dia-a-dia; e o contador da atualidade, que busca uma formação profissional para contar suas histórias e preservar as narrativas orais.

Essa formação profissional proporciona o *nascimento* de diferentes pessoas dentro da *família* da tradição oral, desde contadores que têm a si próprio como meio de expressão até aqueles que usam das diferentes tecnologias audiovisuais para oferecer o faz-de-conta.

Com esses diversos integrantes da *família* da narração, é importante ressaltar que a análise desenvolvida aqui tem por objetivo estudar aquele contador que tem como principais recursos seu gesto e sua voz. Considerar outros recursos exigiria um estudo aprofundado sobre eles, que não cabem nessa pesquisa. Ao direcionar os recursos para o aspecto da imaginação acredito que o contador que tem a si mesmo, em sua atuação, pode ser bastante provocador além de oferecer amplas possibilidades de imagens.

A sessão de histórias apresenta-se assim, como um dos momentos em que se oferece e estimula o desenvolvimento da criatividade humana. Ela oferece diferentes possibilidades de experiências que se multiplicam ao entrar em contato com cada um, quando dá a cada um a possibilidade de interpretar da sua forma.

O grupo *Cultura e Contadores de Histórias: contos populares, literatura, jogos e brincadeiras* é um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Goiás (UFG) que desenvolve estudos sobre cultura popular tendo o contador de histórias como eixo de concentração. Tem como ponto de apoio um amplo projeto dentro do qual são desenvolvidos diferentes *investigações*, dentro deles, essa pesquisa. O grupo realiza um levantamento bibliográfico sobre o tema *Contador de Histórias e Cultura Popular*, reflexões críticas sobre pesquisas já desenvolvidas sobre esse assunto e visa a organização de materiais didáticos que possam contribuir, dentre outros objetivos, com o incentivo à leitura por meio da contação de histórias. Com trabalhos organizados em encontros semanais, o grupo tem como público alvo a comunidade interna e externa da UFG, em oficinas e mini-cursos sobre o tema, e apresentações de sessões de histórias para adultos e crianças.

No ano de dois mil e cinco (2005), durante a elaboração do material a ser trabalhado na oficina *A Arte de Contar Histórias*, oferecida dentro da programação da Bienal do Livro, estudamos os recursos que o contador utiliza em sua narração. Dentre os diversos recursos, vimos que “a pausa é o tempo para o imaginário, a provocação de expectativas. [...] Ela deve ser pensada, ensaiada, colocada em pontos estratégicos do texto, para provocar a imaginação do ouvinte” (CAFÉ, 2005, p.64). Este recurso, de forma especial me despertou a curiosidade e apontou a necessidade de um aprofundamento teórico acerca da relação entre contador de histórias/ouvinte e o imaginário, que envolve contador e platéia no ato da narração.

O Contador de Histórias pode agir como estímulo para a imaginação? De que forma acontece a relação contador de histórias/imaginário no processo de construção da contação de histórias? A pausa seria o único recurso para o trabalho com a imaginação? Se

não, quais outros recursos também são essenciais? Qual a importância da imaginação na formação do sujeito e/ou indivíduo?

Antes da escrita, contar ao outro os acontecimentos do dia, em rodas de conversa, era um fato natural e cotidiano mas, como nota Walter Benjamin (1975), após o surgimento da imprensa houve uma diminuição desse hábito. Hoje percebemos que a tradição oral e a escrita se complementam, na continuidade da cultura humana, cada uma com suas especificidades.

Para os estudos relacionados ao imaginário tem-se como ponto de partida a orientação fenomenológica com base na qual Bachelard realiza sua análise sobre a imaginação, pois esta valoriza a subjetividade da imagem. Em sua teoria o filósofo tem a imaginação como um ato de consciência, onde a consciência criadora é relacionada à imagem poética.

Tomo como definição inicial para o termo imaginação os estudos de Matos (2005) por ser esta uma investigação sobre a imaginação no contexto da contação de histórias.

O termo imaginação designa grosseiramente a faculdade pela qual o homem é capaz de reproduzir – em si mesmo ou projetando fora de si – as imagens armazenadas em sua memória (imaginação dita “reprodutora”), e de criar as imagens novas que se materializam (ou não) nas palavras, nos textos, nos gestos, nos objetos, nas obras etc. (JEAN 1991, apud MATOS, 2005, p.25).

É essa imaginação que constrói as imagens da história na mente tanto do contador como do ouvinte durante uma contação de histórias. A imaginação permite que, quando o contador fale a palavra *bolo*, aquele ouvinte que faz um bolo com cobertura de chocolate em sua casa, veja um bolo de chocolate nesse momento; já aquele que compra pedaços de bolo de fubá em uma panificadora veja, nesse instante, esse bolo de fubá. Além dessa característica *reprodutora* a imaginação também permite que criemos imagens, com base nas nossas experiências, quando o contador fala de algo que não conhecemos, mas pode ser relacionado a algo que nos seja familiar. Assim, as transformações que a narrativa realiza encontram terreno fértil para se efetivarem no imaginário.

Ao proporcionar ao ouvinte uma vivência imaginária por meio da história, o contador lida com a possibilidade de incentivar a leitura, pois conhecer uma história pode apresentar-se como uma vivência prazerosa e despertar nele o interesse de viver na, leitura essa e outras experiências imaginárias.

Viver experiências imaginárias é de extrema importância para o desenvolvimento integral do ser humano, visto que ela oferece meios para que se desenvolva a autonomia, a criatividade, nos traz novas informações e possibilita o amadurecimento de emoções.

Desta forma, busco, no primeiro capítulo, apresentar um panorama da arte de contar histórias relacionada ao desenvolvimento do ser humano para contextualizar o surgimento dos *contadores de histórias da atualidade*. Com base em Café (2005) apresento, de forma objetiva, alguns recursos trabalhados pelo contador em sua formação.

O segundo capítulo é um estudo dos alicerces sobre os quais Bachelard *constrói A poética do espaço* para, no terceiro capítulo, relacionar essa obra com a atuação contador.

Para contextualizar a contação de histórias até chegar no narrador que focalizo minhas observações, tomei como referência estudos já realizados no grupo de pesquisas, além de obras descobertas no decorrer da elaboração do projeto, desta investigação.

Porém, ao iniciar a análise sobre imaginário, percebi que as idéias não fluíam da forma esperada. Experimentei diferentes formas de fichamento e percebi que a *produção* da pesquisa a que me propus não estava relacionada ao tempo cronológico, mas sim, à maturação e internalização do assunto. Por isso, no que diz respeito ao contador de histórias – um assunto que já era pesquisado por mim há mais tempo – as idéias se desenrolavam mais rapidamente do que no estudo sobre imaginário – que era um assunto, em muitos aspectos, novo.

Depois de ler e reler várias vezes *A poética do espaço*, percebi que surgiam associações que busco trazer aqui. Justamente pelo fato da pesquisa se tratar de um constante processo de maturação, não trago aqui todas as relações possíveis da obra de Bachelard com a contação de histórias. Mesmo aquelas que apresento não são prontas ou acabadas. Apresento percepções que se realizaram até o presente momento e que, podem ser reelaboradas em uma continuidade da pesquisa.

Devido ao caráter empírico desse estudo, serão relatadas algumas experiências que servirão de suporte para a compreensão da teoria, ao mesmo tempo que esta nos auxiliará na análise das vivências. Ainda que este se trate de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Artes Cênicas – Bacharelado – espero contribuir com diferentes áreas do conhecimento pelo fato de lidar com informações não apenas de Artes Cênicas, mas também, aspectos que estão presentes com o ser humano em muitos momentos, com maior ou menor ênfase, como é o caso da imaginação, da criatividade e da comunicação.

EIS QUE SURGE O OLHAR ...

Expressões regionais, provérbios, profecias; palavras combinadas em frases de evocação... Fonemas organizados, ordenados que dão sentido à vida, que a registram, que a constroem, que a destroem, que dá esperanças, que desanimam, que reanimam. Junções fonéticas compondo a matéria-prima do contador. Encantados fonemas contados!...

A palavra sempre teve um grande poder na existência do homem. Podemos perceber quando observamos a presença da palavra em diversos momentos da existência humana como na criação das religiões. Na religião grega, por exemplo, as pessoas se dirigiam ao Oráculo para que este dissesse que destino os deuses do Olimpo haviam lhes determinado; os cristãos têm as duas tábuas onde foram impressos os dez mandamentos; assim como diversas outras referências que tem a palavra como um elemento de grande poder para a humanidade. Também podemos ressaltar a espiritualidade que é atribuída a ela em rituais de diversas culturas onde cânticos, palavras e frases têm grande poder de evocação.

Outra forma de manifestação desse poder é no ato de contar histórias, cuja origem não é precisa, tendo as primeiras referências nos povos primitivos. Por meio das palavras o ser humano pode registrar e conhecer a origem das coisas, o que equivalia a ter poder sobre elas, no pensamento do homem primitivo.

Antes da escrita, contar histórias era uma das formas encontradas para passar os conhecimentos adquiridos de uma geração para outra. Visto que as histórias eram relatos de experiências, estas traziam lições com base nas quais os mais novos continuariam suas vivências. Por isso, pode-se dizer também que era uma forma de possibilitar uma continuidade na evolução humana. Em geral o ato de contar histórias acontecia no fim de tarde e nos momentos em que os membros da comunidade se reuniam para narrar os acontecimentos do dia-a-dia. O narrador se formava naturalmente contando e vendo os outros falarem das suas experiências, adquiria aos poucos um repertório de histórias que mais tarde narraria a outros membros da comunidade.

Na Idade Média tivemos contadores que eram contratados para contar histórias aos nobres além de outras pessoas da própria comunidade, como os alfaiates, as amas de leite, os seresteiros e outros que narravam acontecimentos para aqueles com quem conviviam, para o povo em geral.

Além de transmitir conhecimento, narrando aos outros as próprias histórias, permitia-se que os contos não fossem esquecidos e assim, mesmo não havendo registro escrito, era possível conhecer e ter mais informações sobre as gerações passadas.

Percebemos que o contar e recontar histórias possibilitava que estas se modificassem e se transformassem de acordo com o contexto em que acontece a sua narração. Fatos que num certo momento da história eram contados de determinada forma, em outro momento, ainda que sejam os mesmos fatos, serão expressos de forma diferente. Relações econômicas, sociais, culturais, políticas e geográficas estabelecem diferentes formas de expressão e relações interpessoais. Assim, podemos narrar as histórias com nossa forma de expressão independente de como alguém a narrava em outras épocas, o que torna possível que o conto tome uma dimensão diferente a cada fase da história e da cultura.

Walter Benjamin (1975) em seu texto, *O narrador* mostra que, com o surgimento da escrita o homem tem a possibilidade de viver experiências narrativas de outra forma (leitura), além daquela já conhecida, o conversar e trocar vivências em conversas com outras pessoas. Dessa forma, percebe-se que o primeiro momento da imprensa é marcado pela diminuição do hábito de narrar fatos e acontecimentos aos conhecidos, em rodas de conversas, pois a leitura das narrativas escritas tende a predominar nesse momento.

Podemos dizer que a tradição oral e a escrita não se excluem, pois o conversar, o contar ao outro as próprias experiências é natural do ser humano e a escrita contribui para que as experiências sejam registradas com maior segurança e seja acessível a um número infinito¹ de pessoas, assim, percebemos que elas se complementam com suas semelhanças e diferenças.

A primeira diferença que podemos perceber entre essas duas formas de manifestação da narrativa é que, para a escrita se manter é necessário que haja o registro e a leitura deste, já a oralidade precisa da presença do contador intermediando a história e o ouvinte. Também percebemos que na primeira o leitor encontra-se sozinho no processo de interpretação da história, imaginando-a com base em sua leitura e sua experiência de mundo, já no ato da contação o ouvinte constrói sua história com o contador e a platéia. É ao ouvir o contador, vendo sua gestualidade, que o ouvinte cria as imagens da história que lhe é contada. Portanto as capacidades exigidas em uma e outra forma são em parte diferentes.

Uma das semelhanças é que ambas possibilitam que as gerações seguintes possam ter contato com o conhecimento comum a seus antepassados. Uma segunda semelhança é que independente de ser um processo individual ou coletivo, ambas permitem que ações e emoções das histórias, sejam vivenciados no mundo da fantasia. No que diz respeito à cultura oral Matos (2005) nos apresenta a idéia de que o contador viveu três fases distintas. As

¹ Não estou colocando na questão a distribuição e acesso aos registros escritos, pois essa é uma discussão também importante, mas que não cabe nesse contexto.

pesquisas realizadas até o momento me possibilitaram interpretá-las, provisoriamente, da seguinte forma: a primeira é a *tradição oral* onde, como já foi visto, a oralidade era a forma de passar experiências de uma geração para outra e o narrador se formava naturalmente em sua comunidade; a segunda caracteriza-se como *tradição escrita*, onde diminui-se o hábito de trocar experiências oralmente e percebe-se uma predominância e desenvolvimento da escrita ligado à imprensa; a atualidade configura-se como o terceiro momento, o da *sociedade contemporânea*, quando escrita e oralidade se complementam na evolução do homem. O desenvolvimento tecnológico e dos meios de comunicação convidam o narrador a buscar uma forma para lidar com o desenvolvimento natural do ser humano e percebe-se, então, uma nova manifestação deste personagem da cultura oral, que agora se forma para contar histórias, se utiliza de aparatos tecnológicos e materiais criativos e diversos.

É possível encontrar comunidades que mantêm o costume de contar histórias em encontros e reuniões. Na cidade de Pirenópolis, interior de Goiás, dona Benta foi uma referência de contadora de raiz que cultivou esse costume, até recentemente, quando nos deixou no final de 2005. Mas notamos que aos poucos esses momentos coletivos de troca de experiências deixam de ser um acontecimento natural em nossa sociedade. A própria efemeridade da palavra é um fator que ao mesmo tempo em que enriquece, traz insegurança para preservação da cultura oral.

Com as transformações e o desenvolvimento tecnológico os contadores foram, aos poucos, convivendo e encontrando novas formas de lidar com o processo natural de desenvolvimento do ser humano, assim, essa tradição, juntamente com seus protagonistas (narradores), também transforma-se e se modifica com o passar do tempo. Por isso, o contador é o personagem principal na manutenção desse patrimônio, pois ao dar seu testemunho narrando uma história, ele dá aos que ouvem a possibilidade de contá-la novamente e, assim permitir que essa cultura acompanhe as transformações humanas.

Com as transformações culturais percebemos a elaboração de técnicas para se contar histórias, que tem como objetivo a formação de novos contadores. Um ofício outrora adquirido de forma natural no meio social, torna-se objetivo de formação e foco de estudos e pesquisas.

O ambiente regionalista e acolhedor da cultura oral começa a desaparecer. Nas zonas rurais esse ambiente permanece por mais tempo, mas também percebemos as mudanças provocadas pelo desenvolvimento tecnológico, a presença da eletricidade, da televisão, do computador e de outros elementos que outrora não eram encontrados no ambiente dos

narradores de raiz. Nas regiões urbanas as transformações acontecem de forma mais acelerada e esse ambiente da tradição oral tem grande valor em pesquisas ligadas à cultura popular.

No processo de transformação da tradição oral, ou seja, de uma ressignificação da cultura, a contação de histórias passa a ter tempo e espaço pré-determinados no mundo moderno. O narrador de raiz transforma-se e ao trazer em si próprio as experiências proporcionadas pela evolução do homem podemos perceber um novo narrador, o contador de histórias da atualidade, uma nova forma de manifestação dessa arte, uma consequência da sociedade contemporânea.

O próprio dinamismo da cultura exige e imprime necessidade de mudanças, de ressignificação, de transformação e busca de modelos que possam atender aos interesses dos homens em cada contexto histórico. O significado da cultura em cada momento histórico, serviu de modelo a uma determinada educação; no entanto, o modelo imposto não foi sempre o mesmo (CAFÉ, 2005, p.89).

Esse processo de ressignificação, ao fazer-se presente no contador de histórias permite que a cultura popular seja valorizada e se mantenha na atualidade, o que pode ser percebido pelo tempo de existência de grupos de contadores como o Morandubetá, do Rio de Janeiro (1990), o Gwaya, de Goiás (1993), ou mesmo em tantas pesquisas sobre a cultura popular em várias áreas do conhecimento.

Para discutir as questões relacionadas aos dois tipos de contadores de histórias, qual seja o de raiz e o contemporâneo, tem-se como referência as autoras Ângela Barcellos Café (2005) e Gislayne Avelar Matos (2005), pois ambas realizam um estudo relacionado às duas formas como o narrador se manifesta na atualidade. As autoras apresentam diferenças entre aquele narrador de raiz e o narrador da atualidade, que se forma para contar histórias. De maneira geral essa distinção pode ser percebida em Café (2005):

(...) o narrador pode ser aquele de origem nata, com experiências não sistematizadas, aquele que aprendeu em seu meio cultural, provavelmente com os mais velhos, por meio de histórias que passaram de geração a geração pela oralidade. Aqueles que pertencem ao mundo modernizado de hoje e sentem necessidade de uma formação, de estudo, que aprendem a contar uma história deliberadamente e se aperfeiçoam, buscando aproximação com a espontaneidade natural de um narrador, são considerados contadores. (Idem, p. 49).

Diante dessas duas formas, busco diferenciá-las me referindo aos novos narradores como *contadores ou narradores da atualidade* e aos contadores tradicionais como *contadores ou narradores de raiz*, para que haja clareza quando fizer considerações me referindo a um desses personagens da cultura oral.

A primeira diferença citada pelas autoras é que o *contador de raiz* recebe suas histórias, seu repertório como uma herança passada de geração para geração pela oralidade,

enquanto o *contador da atualidade* pode buscá-las em livros ou em outras fontes como DVD, TV, entre outros; dependendo assim, de uma decisão própria para adquirir esse conhecimento.

Outra diferença encontra-se na forma com que esse ofício é adquirido, pois o *contador de raiz* se forma naturalmente em seu ambiente de origem. Já o *contador da atualidade* sente a necessidade de se formar, conhecer e experimentar técnicas em cursos e oficinas, para depois contar histórias para um público. Nessa preparação o segundo busca a espontaneidade do primeiro.

No que diz respeito ao público, Matos (2005) coloca o *contador de raiz* como o “*contador familiar*”, pois seu público é formado por pessoas conhecidas e que, em geral, fazem parte de um círculo familiar. Ao *contador da atualidade* ela se refere como o “*contador de espetáculo*”, pois seu público é formado por pessoas que nem sempre são conhecidas e que vão para um determinado local para assistir a aquela apresentação. Essa colocação pode ser relacionada com a terceira diferença apresentada por Café (2005), onde ela afirma que a platéia do *contador de raiz* é cativo e já o *contador da atualidade* lida com a formação de público, conquistando-os.

Matos (2005) cita, ainda, a performance como elemento comum tanto aos *contadores de raiz* como aos *contadores da atualidade*.

Café (2005) também ressalta semelhanças entre as duas formas de contadores de histórias. A memória é uma delas, está presente tanto no *contador de raiz* como no *contador da atualidade*, mesmo que de forma diferente, pois no primeiro ela está relacionada ao espaço de identificação de uma cultura e no segundo à repetição.

Uma segunda semelhança é o ritual, que está presente em ambos, tanto na distribuição espacial, que geralmente é círculo ou semi-círculo; como no poder da palavra, que também é comentada por Matos (2005), porque ela é capaz de distanciar o ouvinte da realidade por meio do *Era uma vez...*, *Em um mundo distante...* e trazê-los de volta em *...e foram felizes para sempre*.

Café (2005) e Matos (2005) concordam ao afirmarem que o contador precisa gostar do conto que se dispõe a preparar e contar, porque como testemunha do que está contando ele precisa acreditar, ver a história acontecer, senti-la por completo, para que possa expressá-la atuando com o corpo todo, possibilitando que o ouvinte também a veja e construa suas imagens. Outro ponto importante é que a *estrutura* da história precisa ser clara para o contador, pois mesmo que haja uma ou outra mudança (interferência do público ou mesmo esquecimento de alguma frase), durante a contação, ele pode manter a identidade da mesma.

A arte de contar histórias, por ter o homem como objeto de expressão, permite uma infinidade de formas em sua manifestação. Isto pode ser percebido no fato de que ao escolher um conto escrito para narrar, o contador traz para sua atuação características próprias, que estão presentes em sua voz e em sua gestualidade, pois estas são carregadas de características desenvolvidas a partir de experiências pessoais do meio em que vive. Assim, mesmo que duas pessoas escolham o mesmo texto para contar cada performance terá sua identidade.

A contemporaneidade precisa do *contador da atualidade* com suas diversas formas de se manifestar. A cada momento que um contador narra uma história é possível notar como as transformações ocorridas na sociedade oferecem cada vez mais recursos e materiais, dos quais os diferentes contadores se valerão para continuarem ressurgindo e buscando satisfazer necessidades daqueles que vivem na sociedade atual. Dessa forma percebemos que "... foi assim, saindo da noite dos tempos, quando as pedras ainda não tinham endurecido, que a velha 'palavra encantada', escondida nos contos, continuou a encontrar ninhos que a acolhessem, na grande família dos artistas da 'palavra'." (MATOS, 2005, p.130) e que essa *grande família* hoje cresce cada vez mais.

A *família* dos contadores de histórias tem pessoas de diversas maneiras, alguns usam determinados recursos, outros usam outros e assim podemos perceber, nas palavras de Busato (2006) como o passar do tempo oferece cada vez mais formas de manifestação dessa arte.

Vêm vestidos de vermelho, azul e amarelo; fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, panos, chapéus, tapetes, bonés, caixas de fósforo, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, cantando, deixando leitura, múltiplas leituras aos seus ouvintes hipnotizados (BUSATO, 2006, p.26).

Independente dos recursos utilizados por um contador eles precisam se constituírem em um conjunto harmônico. O contador em questão é aquele que mantém o foco na história, utilizando apenas sua linguagem corporal (gesto e voz), sem querer diminuir o valor daqueles que usam cenários, figurinos e adereços, pois esta é uma arte sem limites. Não analisaremos aqueles que usam assessórios pelo fato de que estes elementos exigem um estudo específico. Acredito que ao buscar o contador como protagonista do mundo da imaginação a ausência desses elementos poderá fornecer asas maiores à criatividade e, nesse momento, em vez de ver, cada um cria seu próprio vestido, seu próprio castelo, seu próprio bolo. Portanto,

se neste estudo o contador tem seus recursos naturais, seus ouvintes e a relação entre ambos, são justamente esses aspectos que ele deverá trabalhar, utilizando-os para conquistar quem o assiste e o escuta, que serão estudados aqui ao buscar a relação dos recursos do *contador da atualidade* com as imagens formadas pela história.

O uso dos elementos precisa ser estudado e trabalhado para que, na contação, eles possam suscitar imagens (tanto no ouvinte como no contador) e permitirem que o ouvinte crie sua própria história, em vez de impor e entregar pronto o que a imaginação de cada um pode construir.

Diversos exercícios são usados na preparação de um conto como: escrever muitas vezes o texto, lê-lo bastante, analisar sua estrutura, contá-lo várias vezes, jogos populares, jogos teatrais que trabalham com exercícios de desinibição, e outros que possam possibilitar ao contador a familiaridade com o texto.

Para que haja uma melhor compreensão os recursos serão separados durante o estudo que se segue. Mas é importante ressaltar que tanto na teoria como na experimentação, quando durante um jogo coloca-se foco na voz ou no ritmo, o fazemos com objetivos didáticos pois, na verdade eles estão interligados, não tendo como trabalhar um sem usar os outros recursos.

A palavra é a matéria-prima do contador, ela possui cheiro, cor, ou seja, características próprias que têm o poder de suscitar e criar imagens. O tratamento dado a ela é diferente quando se refere ao conto popular ou ao conto literário. Tanto Café (2005) como Matos (2005) concordam que o conto popular oferece maior liberdade no sentido de que cada pessoa pode contar com as suas palavras, enquanto o conto literário precisa ser decorado para que se mantenha as características do autor. Mas mesmo no conto popular é preciso conhecer bem a estrutura do texto para que se mantenha a identidade e o entendimento da história.

O trabalho com a voz está diretamente relacionado com a palavra. É o meio pelo qual ela ganha cheiro, cor, sabor, ou seja, ganha características e chega até o ouvinte pela audição. Ela deve ser bem projetada no ambiente para que todos a ouçam de forma satisfatória. O próprio texto sugere variações para a voz que vão desde personagens diferentes até mudanças de momento da história.

Outra questão importante a ser ressaltada é o cuidado que todos os profissionais que lidam com a voz devem ter em relação à saúde e à higiene vocal, que vão desde exercícios vocais até alimentos que não devem ser ingeridos próximo ao momento de maior esforço vocal.

A respiração é a fonte para as variações na voz e a base para a projeção da mesma, pois é com o apoio do diafragma que o ar é jogado para fora do corpo, produzindo som, ao passar pelas pregas vocais.

A memória é um recurso que está ligado a três atos mentais: a associação, a repetição e a atenção para ser exercitada. Seu desenvolvimento depende da experimentação dessas habilidades.

A emoção é um elemento que é externalizado por todo o corpo e pela entonação da voz, por isso o *contador da atualidade* deve ter a história impregnada em seu corpo para que possa expressá-la com veracidade. Da mesma forma que os outros recursos, a emoção deve ser trabalhada na medida certa para não passar a idéia de mentira nem entregar a emoção pronta ao ouvinte.

O ritmo contribui com a atenção do ouvinte e é estabelecido pela relação texto/contador/platéia. Neste aspecto é essencial evitar a monotonia, pois assim como a história possui momentos de variações, a contação também deve oferecê-los para que seja prazerosa.

A pausa e o silêncio estão relacionados ao ritmo, onde a pausa é o tempo para o imaginário, o momento para que se efetive imagens da história. É quando cada um admira sua princesa, saboreia seu bolo, desafia seu lobo... Deve ser pensada para provocar a imaginação do ouvinte. O silêncio é preenchido pelo imaginário do contador e da platéia e o barulho pode interferir negativamente neste imaginário.

O gesto pode explicar uma expressão desconhecida, pode chamar a atenção para um momento da história ou caracterizar um personagem. Ele nasce com o texto e deve estar em harmonia com a voz e auxilia na imaginação e no significado da narrativa.

O olhar é o primeiro canal de comunicação estabelecido entre o contador e o ouvinte, é por meio dele que um percebe o outro.

A história passa por um processo de adequação ao ser adaptada ao contexto em que vai ser contada, é um momento que leva-se em consideração o local, a voz, o espaço, o público e a linguagem, adequados para uma sessão de histórias.

O clima está relacionado tanto à disponibilidade do contador e do ouvinte como ao ambiente em que a história vai ser contada. É de extrema importância para a liberdade criativa. O conto tem a característica de romper a barreira do tempo, tanto no sentido de transportar para a fantasia, um tempo imaginário que foge à concretude, aos limites da realidade; como no sentido de não estar condicionado a quando o fato ocorreu, pois, como já foi dito, ao ouvir uma história a apreciamos com base nas nossas referências, tornando-a

sempre como atual, a cada momento, apreciando-a de forma diferente, formando e reformando imagens.

Ao dar som e imagem à palavra do conto o contador de histórias tem o poder de reencantar o mundo, levar o outro para o mundo da fantasia quando convida-o a brincar com seus próprios pensamentos; possibilitando que este vivencie a experiência de formar diversas imagens que modificam a realidade de acordo com que o narrador lhe expõe e vive com ele no conto. Por isso concordo com minha orientadora quando diz que “o contador de histórias é um entregador de emoções”.

A falta do hábito de ler que marca a atualidade nos faz perceber a necessidade de incentivar e despertar o interesse pela leitura. Neste momento o contador é de extrema importância ao possibilitar que o ouvinte tenha acesso às histórias, vivendo as emoções proporcionadas por elas. Isso pode levá-lo, mais tarde, a buscar nos livros aquela história que ouviu em uma contação, e assim despertar o interesse pela leitura, em busca de viver novamente uma experiência imaginária.

O homem tem necessidade de viver experiências fora do mundo real e, no mundo da fantasia e do imaginário pode-se ser quem quiser, independente da realidade, satisfazendo desejos irrealizáveis de outra forma. Isso nos torna mais fortes quando retornamos para nós mesmos, após uma *viagem* imaginária, pois podemos nos conhecer mais. Dessa forma percebemos que o evadir para o faz-de-conta, propiciado pela manifestação lúdica, também tem um movimento inverso pois aquele que o vivencia também retorna a si mesmo ao voltar mais fortalecido para seu mundo real.

No mundo de hoje, a informação pronta, que estamos em contato constantemente, inibe as possibilidades da criatividade, visto que não deixa espaço para o imaginário agir. Ao mesmo tempo e contraditoriamente o mercado exige cada vez mais pessoas inovadoras e criativas, pois são essas que conseguem acompanhar as transformações, encontrar e propor diferentes formas para lidar com os diversos momentos vividos.

Assim o contador de histórias é um profissional que contribui com o ser humano ao abrir espaços para o desenvolvimento da criatividade e da autonomia. Imaginar e criar as próprias imagens da história permite que essas habilidades sejam trabalhadas em cada um. A ausência de limites e de riscos reais presentes na fantasia possibilita que se crie sem barreiras ou medos. Dessa forma, torna-se acessível ao ser humano experimentar o viver criativo, onde a criatividade é aguada a cada história que se ouve ou se conta, pois o faz-de-conta criado pelo conto mostra-se infinitamente mais amplo que o cotidiano. Ao mesmo tempo cada conto apresenta diferentes fatos que trazem imagens variadas. Quando cada um busca criá-las

encontra uma forma própria de viver essa experiência, assim, pode-se relacionar esse fato à característica que todos podem ter, ou desenvolver, de buscar sua própria maneira de viver. E isto, pode levar o ouvinte a encontrar meios para exercer a autonomia não apenas em vivências no imaginário mas também em vivências cotidianas.

Além desses recursos de que o contador ou qualquer comunicador precisa para se manter no mercado de trabalho, a imaginação tem ampla importância para o desenvolvimento integral do ser humano. A esse respeito, afirma Jersild (1971), apud Alencar:

Através do faz-de-conta, dos devaneios e outras atividades da imaginação, é a criança capaz de ampliar enormemente a extensão do seu mundo. Na sua imaginação, salta ela as fronteiras do tempo e do espaço e consome façanhas que passam dos limites da sua força real (1990, p.76).

A partir do momento em que a criança tem a possibilidade de se transportar para o mundo do faz-de-conta, onde não há limites rígidos de espaço e tempo, rompem-se, também, os limites do possível e impossível existentes no mundo real. Ela, então, vê-se livre para viver momentos inacreditáveis e que vão além das vivências e percepções da vida cotidiana.

A imaginação de uma criança desempenha um papel importante em todos os aspectos do seu desenvolvimento. Na esfera intelectual, é ela capaz de, graças à imaginação, experimentar, explorar, manipular idéias, sem ficar presa pelas regras da lógica (idem, p. 76).

É justamente a ausência de regras *impostas*² que dá à imaginação a característica de um mundo sem fronteiras. Onde, além da possibilidade de vivenciar o mundo do faz-de-conta também temos a liberdade de articular idéias, de forma que vai além do raciocínio lógico, nos permitindo a percepção do que outrora era desconhecido. Assim, é possível dizer que o contador de histórias tem grande importância tanto para o desenvolvimento do adulto como da criança, pois além do fato de que as habilidades humanas não tem limites para se desenvolverem, em todos os momentos da vida experimenta-se as diversas possibilidades oferecidas pela história e que são expressas por Café (2005):

Há uma necessidade de reviver esta forma artística de comunicação, no contexto da atualidade – para abrir novos horizontes e possibilitar a memória dos velhos tempos; motivar fantasias vividas por meio das imagens e emoções suscitadas pelo conto; ampliar a vivência do lúdico como dimensão do homem em espaços variados; conhecer tradições da sua e de outras culturas, incentivar a leitura quando a referência é o livro impresso; também, para incentivar o registro de histórias, para que não se percam no esquecimento de quem não conta nem ouve mais histórias (p.116-117).

² Não considerar o mesmo que a ausência de regras, pois essas não deixam de existir e contribuir com a imaginação.

O viver do homem é preenchido por suas experiências que dão significado à sua presença no mundo onde seus horizontes são ilimitados tanto no que diz respeito ao passado como ao futuro. É esse viver e o fato de estar no mundo que possibilitou ao homem se relacionar com seu ambiente, elaborando as diversas culturas, proporcionadas pelas formas de relação estabelecidas pelo homem, com os diferentes espaços do mundo e pelo significado que o mesmo foi atribuindo em suas ações, conservadas pela narrativa.

Conhecer todas essas culturas fazendo-se presente em seu espaço é quase impossível. Nesse momento a contação também diminui a distância geográfica entre os diversos espaços. Assim, ao ouvir uma história tem-se contato com diferentes povos, culturas, espaços e outros elementos que permitem que a visão de mundo seja ampliada. Um dos elos que realizam essa ligação é o contador de histórias que provoca o ouvinte para que ele vivencie emoções novas e velhas.

Contar e ouvir histórias é uma atividade que, antes de instruir, diverte e proporciona um ambiente de descontração e igualdade. Possibilita que ouvinte e contador criem sua história a partir das próprias experiências, alimenta o imaginário e desenvolve a faculdade de representação por meio de uma viagem, onde o contador é o protagonista que conduz o público a viver, com ele, diversas experiências. Desta forma, o ouvinte é co-autor da história e tem sua experiência interna respeitada pois, pode construir as imagens da história e desfrutar dessa vivência à sua maneira.

Como afirma Café (2005) em geral pode-se dizer que o ouvinte desfruta da vivência imaginada oferecida pela história de duas maneiras: *ativamente*, quando ele interfere na história; ou *passivamente*, quando opta por viver internamente a experiência, sem se manifestar com interferências.

Assim, ativa ou passivamente o ouvinte vive a aventura proposta pelo contador de histórias. Conhece outros tempos, outros lugares, só possíveis nesse contexto, vive experiências propostas pelo contador de histórias, e que, tanto ele como os ouvintes, vivenciam cada um da sua maneira. Dessa forma a contação de histórias mantém e valoriza a tradição oral, ao mesmo tempo, permite que o ser humano desenvolva tanto aspectos individuais como habilidades essenciais para este, como profissional.

Palavras contadas, cantadas, faladas... outrora um mito, agora um rito... com gestos expressas e lançadas pelo homem ao próprio homem. Com essas palavras se vive, revive, imagina, cria, transforma., registrando e narrando sua história em uma coletiva experiência individual. Num ambiente de troca de experiências é respeitado o direito de cada um criar suas imagens.

Bachelard (1974) estuda a criação da imagem em uma experiência particular por meio de sua fenomenologia da imaginação. No capítulo seguinte analisarei as bases sobre as quais ele desenvolveu sua pesquisa para, num momento posterior buscar relações entre seu estudo e a contação de histórias.

UM NOVO PERSONAGEM ...

O estudo sobre imaginário exigiu a busca de referências até então novas para mim, pois tudo o que já havia estudado, referente a este assunto, eram autores que se referiam rapidamente à imaginação na perspectiva da contação de histórias. Neste trabalho mantenho o foco de contação de histórias, mas na busca da relação do contador com essa potencialidade da espécie humana, qual seja, a de imaginar. Senti, então, a necessidade de pesquisar um referencial teórico específico sobre imaginação. Nessa busca aconteceu uma identificação inicial com Bachelard, pelo fato de que ele desenvolve sua teoria tendo a imagem poética como objeto de estudo e pela importância reconhecida dos estudos deste autor.

Bachelard nasceu na França em 27 de junho de 1884, foi filósofo, professor e diretor em instituições de ensino, falecendo a 16 de outubro de 1962. Como afirma Barbosa (1993), ele nos traz uma forma de desenvolver conhecimento com base nos discursos já produzidos, tanto científicos como literários. Onde a *verdade* encontrada por um estudo não é cristalizadora pois:

Bachelard se insurge contra todas as formas de discursos universalizantes. Diante de um mundo micro e de um mundo macro, aparecem concepções de tempo que são justapostas, temporalidades diferentes levam a racionalidades diferentes (BARBOSA, 1993, p.viii).

Por este motivo percebemos que uma afirmação feita em relação a alguém que vive em uma metrópole, cuja agenda tem diversos compromissos, que estão separados um do outro por minutos, sofrerá modificações se o foco de observação for um camponês, que organiza seu dia-a-dia observando as estações do ano, as mudanças climáticas e a posição do sol.

Ao perceber esse homem plural, Bachelard se propõe a estudar as imagens construídas por ele tendo em vista que elas também são plurais, de acordo com a experiência de cada um. As condições econômicas, sociais e políticas vivenciadas influenciam diretamente no universo de imagens que cada um constrói. Por isso ele busca ir além do que está aparente pois “a realidade que se oferece, a realidade imediata só é importante na medida em que indica uma outra realidade” (idem, p.3).

Bachelard analisa a profundidade do ser humano de duas formas que, num primeiro momento parecem ser antagônicas, mas que se complementam na busca do homem integralmente racional e imaginante. Primeiro de forma objetiva, mantendo foco na ciência; e posteriormente, de forma subjetiva, dando ênfase à arte. O fato de Bachelard considerar a

imaginação essencial para o ser humano tornou possível trazê-lo para essa discussão, como referencial teórico filosófico, que poderá contribuir com a elaboração desse estudo em busca da relação contador de histórias/imaginação.

A filosofia de Bachelard é uma filosofia do sujeito, daquele que possui criatividade, daquele que se caracteriza por possuir a imaginação não como uma faculdade, mas como poder constitutivo, poder este que afirma o homem como sujeito. A imaginação é vista por Bachelard como a essência do espírito humano. É a imaginação que dá dinamismo às atividades do homem, atividade intelectual e atividade onírica, o homem enquanto pensador, o homem enquanto sonhador (ibidem, p.5).

Busco então perceber na obra de Bachelard (1974) como é desenvolvido o estudo da imaginação, na formação das imagens poéticas para, mais tarde, observar relações que podem ser estendidas à formação de imagens, tanto por parte do ouvinte como pelo contador, em uma sessão de histórias.

Para esse estudo, a obra de Bachelard que tomarei como referência é *A poética do espaço* (1974) pelo fato de que, no decorrer de sua teoria, ela foi escrita num momento em que ele inicia o desenvolvimento de uma fenomenologia da imaginação. A fenomenologia é o método pelo qual ele acredita que seja possível restituir a subjetividade das imagens, pelo fato de que, ao penetrar no objeto de estudo, ela permite ver o que não é totalmente perceptível num primeiro momento.

A poética do espaço é a primeira obra em que Bachelard utiliza o método fenomenológico para estudar a imagem, buscando uma forma de aprofundar a análise desse objeto de estudo, diferente da referência exclusiva aos fenômenos físicos. O estudo fenomenológico da imagem é iniciado em *A poética do espaço* e continuado em *A poética do devaneio*, sendo que na primeira, é tomada em seu próprio ser, enquanto na segunda é dada ênfase à virtude da origem, valorizando-se a pureza diante do maravilhoso, a variabilidade da imagem que nos faz viver a intencionalidade poética.

Nos livros anteriores ele usou da prudência científica para analisar a imaginação de forma que não se considerava o aspecto da interpretação pessoal. No decorrer do desenvolvimento da sua teoria, ele percebeu que assim estava fugindo à própria dinâmica do foco do estudo, que é dada justamente pelo fato da imagem estar intrinsecamente relacionada à interpretação pessoal. Por isso, em *A Poética do Espaço* ele opta pelo método fenomenológico.

Bachelard fala da peculiaridade de se estudar a imaginação quando afirma que o filósofo “deve esquecer seu saber, romper com todos os hábitos de pesquisas filosóficas, sequiser estudar os problemas colocados pela imaginação poética” (1974, p.341). Na busca por conhecer e estudar esses problemas precisamos considerar o instante em que a imagem surge, contrariando assim, a idéia de relacionar e analisar fatos presentes com algo que aconteceu no passado. A imagem poética acontece subitamente em nossa mente, fato que alguns *hábitos de pesquisa* não conseguem resolver, pois ao buscar-se o conhecimento apenas nas relações de fatos e informações, por vezes o caráter imediato é abandonado. Desta forma omiti-se uma das principais características da imagem, a imediatez. Um estudo que resolva esta qualidade precisa, então, reconhecer que o *ato poético* não está condicionado a um passado, pelo menos não de uma forma limitadora.

Por este motivo o filósofo afirma que enquanto desenvolve sua pesquisa sobre a imaginação poética, sempre que se estabelece uma relação entre uma imagem poética nova e um arquétipo, o segundo não necessariamente se limitará a uma causa do primeiro.

Acontece justamente o contrário, pois em vez do passado fazer surgir a imagem, é o surgimento da imagem que nos conduz à lembrança do passado. A imagem traz a tona ecos do passado que não tem limites de alcance, pois as lembranças podem manifestar-se num contínuo semelhante ao movimento das ondas. Desta forma, Bachelard acredita que devido à imediatez da imagem e ao fato dela despertar uma espécie de ação da mente (relembrar), “a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio” (idem, p.341).

A este dinamismo inverso à causalidade o teórico chama de *repercussão (retentissement)*. A respeito desse assunto ele baseia-se em Minkowski, que apresenta um estilo de fenomenologia tomado como referência no estudo do ser de uma imagem.

Sua opção por uma fenomenologia da imaginação é pelo fato de que “esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade” (ibidem, p.342). Ele considera esta, uma forma de estudar a imagem com foco em sua principal característica, no ímpeto de seu surgimento.

Ao considerar que a imagem parte de uma consciência individual a fenomenologia possibilita que se restitua a *subjetividade* e a *transsubjetividade* da imagem. Esses aspectos não têm determinações concretas, pois a imagem poética é *variacional*³. Para perceber que a imagem tem uma realidade específica é preciso associar a ela a consciência criadora.

³ No sentido de não haver uma forma pronta para a imagem poética, mas sim tantas ou mais imagens quanto a quantidade de pessoas que a imaginá-la.

O ato de sedução que um poema realiza sobre o leitor é proporcionado pela dupla: *ressonância-repercussão*. As *ressonâncias* dizem respeito ao fato de que o poema nos leva a diversos momentos da nossa vida, nos fazendo lembrar do passado. Já a *repercussão* possibilita um aprofundamento em nós mesmos, onde passamos a ser os sujeitos, a falarmos o poema assumindo a posição de poetas. “Trata-se, com efeito, de determinar, pela repercussão de uma só imagem poética, um verdadeiro despertar da criação poética na alma do leitor” (ibidem, p.345). Como por exemplo, quando nos emocionamos (identificamos) com um poema ou história e essa nos leva a formar imagens criadas - quando me emociono crio uma imagem que é gravada mais forte na memória.

Para realizar o estudo sobre imaginação a que se propõe, Bachelard procura compreender o despertar da criação poética na alma daquele que lê por meio da *repercussão* de uma imagem. De forma que a criação poética possibilite a expressão e a manifestação do próprio ser, tornando-se uma expressão criada do ser.

Bachelard propõe “que se considere a imaginação como um poder maior da natureza humana” (ibidem, p.353), onde esta pode nos desligar do passado e/ou da realidade presente levando-nos para o futuro, para um lugar que não é condicionado à realidade, para o irreal que seduz inquietando-nos.

O autor não acredita que a imaginação limita-se a uma coincidência entre uma percepção e uma afeição. A experiência do homem no mundo pode se limitar a uma vivência objetiva da realidade ou pode ser estendida para a exploração do mundo imaginário onde temos contato com outra realidade, esta, por sua vez, ilimitada. A imagem passa a ter, para Bachelard, um ser próprio, que deve ser estudado em sua singularidade porque ela é um fruto de uma criação.

O convite a essa inquietação dá asas para que o ser imaginante crie novas imagens. Em Bachelard esse convite acontece por meio da leitura. No próximo capítulo busco as relações entre esse estudo e a contação de histórias, sabendo que na leitura temos o tempo que quisermos para interpretar o que lemos, enquanto na contação a interpretação acontece de forma mais rápida, porque presentes em tempo real e contamos com diferentes recursos.

E NO DESENNROLAR DA TRAMA ...

Conhecer as bases do estudo fenomenológico que Bachelard realizou sobre imaginação, me possibilitou perceber relações deste com a imaginação na contação de histórias e, dessa forma, desenvolver algumas análises. O filósofo fala sobre a imaginação na experiência da leitura, por isso, certamente haverão conclusões a que ele chegou sobre a formação da imagem lida que não se estenderão à imagem falada. Mas o fato de ambas as formas de experiência da imaginação criadora estarem ligadas à literatura e à experiência particular, apontam possíveis momentos de intercessão desses dois estudos.

Dessa forma, é necessário que esteja claro que na leitura dispomos de mais tempo para interpretar e formar imagens do que em uma sessão de histórias. Ao ler é possível parar, pensar no significado de uma palavra, analisar seu sentido naquele contexto de uso ou, até mesmo, voltar a parágrafos anteriores para compreender melhor aquele momento da leitura.

A contação de histórias lida com o tempo imediato, um contador não para sempre que um ouvinte deseja compreender melhor ou lembrar determinado momento. Mas ele usa seus recursos corporais – gestos e voz – que, ao exigir do ouvinte o uso de diferentes sentidos – visão e audição – torna possível a compreensão em menor tempo cronológico. Na leitura, é dada ao raciocínio toda a tarefa de decodificação e interpretação. O contador traz para o ouvinte a entonação e o movimento, que empregam diversos sentidos, auxiliando a ação interpretativa.

Na leitura é a escrita que nos convida a criar imagens, na contação o contador é encarregado dessa tarefa e será ele o protagonista dessa viagem ao mundo da fantasia.

As bases para o estudo da imagem na contação coincidem, em vários momentos, com a teoria bachelardiana. Segundo Japiassu (1976) Bachelard estuda o imaginário sob a perspectiva da psicologia de Jung. O filósofo acredita que o devaneio está ligado às raízes que nos fazem habitar no mundo, às raízes femininas da habitação, desta forma, o devaneio encontra-se sob o signo da *anima*, que quer dizer alma.

Busatto (2006) também fala desse tempo feminino, o tempo compassivo da imaginação criadora, que proporciona o silêncio receptivo por meio do qual o ouvinte se entrega para a história. A contação encontra-se no tempo feminino de devanear.

A experiência de criação da imagem ouvida é individual e imediata. Por vezes é influenciada pela sonoridade, pela cor dada pelo contador à palavra, que é sua matéria-prima. Ao perceber o timbre, o volume, a intensidade e a duração que tornam a palavra, outrora

escrita, agora falada no momento da contação, o ouvinte cria imagens oferecidas no desenrolar das narrativas.

O criar imagens tem uma liberdade ilimitada. Se, em um grupo de vinte pessoas, for dita a palavra bolo e, posteriormente, pedido que se desenhe o bolo que cada um viu, possivelmente teremos vinte bolos diferentes. Ainda assim, não será surpresa se nenhum desses bolos forem exatamente igual ao que o autor tinha em mente ao escrever o texto, tamanha é a possibilidade humana de criação e formação das imagens. Essa experiência já foi realizada por contadores do nosso grupo, diversas vezes. É interessante perceber como o bolo da histórias, que era assado na panela, adquire formas quadradas, sabores de chocolate e morango.

A palavra do contador oferece ao ouvinte uma experiência que vai além do sentido da audição. O ouvir e criar o *bolo* permite que se sinta o cheiro, a textura, o sabor e se veja o bolo, com suas formas e cores. De forma que, a palavra do contador possibilita o envolvimento integral do ouvinte com as imagens criadas por ele.

Em uma sessão de histórias, as imagens suscitadas pelo contador agem como ecos na relação de cada um com a imagem e as lembranças do passado. A imagem do bolo possibilita que se reviva, na memória, lembranças de momentos em que aquele bolo que vemos, estava presente em nossas vidas, do lugar e das pessoas com quem vivemos esses momentos.

No processo pelo qual uma história seduz o ouvinte ou o contador, percebemos a presença da dupla *ressonância-repercussão* a que Bachelard (1974) se refere quando fala da sedução, que um poema realiza sobre um leitor. Na contação as *ressonâncias* também se referem aos ecos provocados pela imagem, nos trazendo lembranças do passado. Ao ouvir um conto popular, principalmente aqueles que acontecem em regiões interioranas, é comum que eu me lembre dos momentos em que era criança e ia passar as férias na fazenda em que meus avós moravam.

Na *repercussão* acontece uma identificação do ouvinte e/ou contador com a história, o que desperta nesse o interesse de contá-la a outras pessoas, aproximando-o da posição de autor. Nesse sentido não tem como negar que, como contadora, fico muito empolgada quando, algum tempo depois de uma sessão de histórias, um dos ouvintes me diz que contou a história para outra pessoa. Ainda que, *de grão em grão*, sinto que estou contribuindo com a continuidade da cultura popular, pois a minha atuação como contadora auxiliou para que o outro se identificasse com a história, despertando o interesse de contá-la novamente.

A *repercussão* admite que cada um crie as próprias imagens sendo, então, co-autor numa experiência de expressão em uma criação própria, na criação da sua imagem e, conseqüentemente, de uma configuração pessoal da história.

A imaginação tem o poder de nos desligar de fatos concretos de uma realidade cotidiana e nos leva para uma realidade imaginada, para outro tempo. A palavra do contador age como passa-porte, por meio do qual o ser será conduzido para o irreal.

Era uma vez ...

Três palavras encantadas, pois tem o poder de suscitar imagens, lembranças e emoções intensas ... Quando ditas elas tornam-se mágicas, abrem as portas do mundo das histórias, que são tantas e tão boas ... Então podemos viajar ... criar ... imaginar ... conhecer ... inventar ... descobrir ... sentir ... pensar ... sonhar ... viver ... Basta permitir que as histórias invadam nosso corpo para causar respostas múltiplas e infinitas (CAFÉ, 2005, p.13).

É o fato do irreal nos inquietar ao invadir nosso corpo, que nos desperta o desejo de criar e viver todas as experiências possíveis no imaginário. Nesse contexto, as frases introdutórias como *Era uma vez ...*, *Em um mundo distante ...*, *A muitos e muitos anos ...*; e as frases finalizadoras como *... e foram felizes para sempre*, agem como porta de entrada e saída do faz-de-conta.

No primeiro capítulo do livro *A poética do espaço*, Bachelard estuda as imagens da casa, onde o ambiente acolhedor nos dá segurança para que *sonhemos* em paz. Segundo o autor “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (1974, p.359), oferecendo, assim, um clima propício para que se viva o mundo da fantasia.

Na contação é indispensável que o ambiente seja acolhedor. Neste, a história dará a liberdade para que se crie sem medo, pois no faz-de-conta podemos ir para a fantasia e voltar para a realidade na hora que quisermos.

O viver e reviver as histórias no ambiente da contação, possibilita que se passe de geração a geração os valores de uma sociedade, que se conheça mais do contexto cultural em que se vive. As histórias orais trazem consigo a identidade de um povo, valorizando-a, permite que ela continue a existir, acompanhando as transformações que esse povo vivencia.

O teórico relata momentos de leitura em que esta lhe proporcionou diferentes sentimentos e emoções. Esses sentimentos e emoções proporcionados pelas histórias são estudados por Bettelheim (1984) que afirma que o fato das histórias trazerem emoções, as vezes, impossíveis de serem vivenciadas na vida real, permite que elas sejam trabalhadas e amadurecidas internamente.

O narrador comunica essas emoções ao ouvinte de forma pensada pois, entregá-las prontas pode limitar a vivência e a compreensão que o ouvinte possa ter em relação à história.

A experiência da contação é, ao mesmo tempo, coletiva e individual. Uma sessão de histórias é um acontecimento coletivo, mas também individual, onde a forma de viver, perceber e criar lhe proporcionarão uma vivência particular, que está liberta de padrões externos. A interpretação e as imagens que cada um forma ao ouvir e/ou contar uma história trazem consigo características que podem ser relacionadas às experiências individuais.

Ao ler Baudelaire, Bachelard sublinha algumas palavras percebendo que, se colocar uma pausa nas mesmas, a experiência imaginária é intensificada. Afirma que:

... se fizermos uma pausa nas palavras sublinhadas eis que ela nos põe, corpo e alma, na maior tranqüilidade. Sentimo-nos colocados no centro de projeção da casa do valezinho “vestidos” também com tecidos de inverno (BACHELARD, 1974, p.380).

Nesta afirmação o autor mostra como a pausa é importante para a vivência do irreal. Ela dá o tempo para que o imaginário efetive as imagens criadas, permitindo que o leitor/ouvinte mergulhe cada vez mais nessa nova realidade que lhe é apresentada.

Na leitura a pausa é dada pelo próprio leitor, já na contação, por ter o contador como mediador entre o texto e o ouvinte, ele é o encarregado de estudar a história pensando em quais lugares ele deve realizar a pausa.

A imagem na contação, assim como em Bachelard, não está condicionada ao passado de forma limitadora. A capacidade criadora nos permite transformar uma imagem que já nos é conhecida em algo que não esteve presente em nossas vivências. “Dar irrelidade a imagem ligada a uma forte realidade nos põe diante do sopro criador da poesia” (idem, p.388). Esse sopro criador também está presente em uma sessão de histórias e é graças a ele que podemos ver pessoas embaraçadas pelos próprios braços e pernas, ou tirando o escuro de um cômodo com um balde ou uma lata, como acontece na história *Moça Boba* contada por Ângela Barcellos Café, pesquisada nos contadores de raiz da cidade de Pirenópolis⁴.

Esse poder de criar e transformar, inerente a cada um de nós, nos permite dar a uma imagem “o nosso ser de leitor: ela é doadora do ser. A imagem, obra pura da imaginação absoluta, é um fenômeno do ser, um dos fenômenos específicos do ser falante” (BACHELARD, 1974, p.403). O fato da imagem partir do ser possibilita infinitas variações de

⁴ Essa pesquisa coletou diferentes histórias narradas na região. Agora o grupo de pesquisas está preparando uma sessão com as mesmas e busca publicar um livro com a versão da narração oral, a versão literária e algumas versões dramáticas.

uma mesma imagem. Nesse universo imaginário não há certo, errado ou modelos que se deva seguir, há proposições de imagens que cada um constrói da sua forma.

Para que o ouvinte realmente se sinta co-autor da história é necessário que haja ambiente favorável à criatividade e ao ambiente da contação. Não cabe ao contador cobrar do ouvinte a imagem que este construiu ou buscar interpretá-la. A vivência da imagem é pessoal. O contador é encarregado de realizar o convite oferecendo a possibilidade de diversas vivências imaginárias. Como o ouvinte vai lidar com essas experiências é algo que diz respeito apenas a ele, pois cada experiência de vida é individual.

O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos sujeitos. Tem, como nós, para nós, por nós, uma intimidade (idem, p.406).

Bachelard toma objetos como armários, escrivaninhas ... citados anteriormente para falar sobre o espaço íntimo do ser humano. É nesse espaço que as histórias possibilitam que se vivencie as emoções mais profundas, emoções por vezes indecifráveis até para quem as vivencia.

A possibilidade da narração oferecer ao ser essas experiências íntimas, por meio da vivência imaginária é tratada por Busatto (2006) que faz relação do imaginário com o coração:

A partir dele [imaginário] e das suas manifestações é possível retornar à matéria humana, ressensibilizar o mundo e o ser humano. E isso pode ocorrer pelo aconchego oferecido pelas histórias; pelo embalo do acalanto; pelo espírito de amorozidade que flui numa narrativa oral realizada com prazer. (...) Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos, devaneado, gatiando, até chegar ao imaginário. O coração é um grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê com os olhos internos as imagens que nos fazem bem (p.58-59).

Ao falar da importância de se viver essas emoções e imagens, as vezes impossíveis de serem vivenciadas na *vida real*, Bettelheim (1984) mostra que, se são emoções, até certo ponto *proibidas*, precisamos desse espaço íntimo para deixá-las aflorar, para nos experimentar vivenciando-as, para nos *satisfazer* nesses mais diversos desejos. Esse espaço deve ser proporcionado pelo contador que oferecerá a *liberdade* de se viver momentos de extrema importância na formação de cada um pois “nunca a imaginação chega a dizer: é só aquilo. Há sempre mais que aquilo” (BACHELARD, 1974, p.411).

Percebe-se que Bachelard (1974) nota a relação entre os sentidos e a imaginação, ao afirmar que ela os estimula, nos deixando abertos e atentos para o inesperado. Essa afirmação mostra como o clima é importante para que se viva imaginariamente uma história. O contador precisa ter a intenção e o desejo de seduzir o outro com a história. Ao mesmo tempo, o ouvinte precisa estar aberto, no sentido de desejar ouvir, para que seus olhos e ouvidos possam perceber os recursos do contador. Assim, a imaginação se deixa levar pelo inesperado e os sentidos são então, envolvidos por completo pelas sensações e emoções propostas pelo narrador.

Nessa experiência sensitiva a imaginação forma diversas imagens que vão desde castelos (contos de fadas) a pessoas embaraçadas por braços e pernas em uma casinha simples (Moça Boba). Essas imagens não são estáticas, transformam-se no decorrer da história – as pessoas embaraçadas são libertadas aos poucos do nó formado por elas – numa dinâmica própria da imaginação. Nessa dinâmica não há condições nem limites de transformação. Basta que a história proponha e uma grande fera torna-se um perfeito príncipe, como podemos ver no conto de fadas *A Bela e a Fera*.

O ritmo de uma história influencia diretamente a dinâmica das imagens. Um momento lento associado aos outros recursos pode proporcionar um suspense que também estará presente na construção de uma imagem. Será possível, então, que a porta do castelo abra mais lentamente nesse momento e a claridade das tochas de fogo, quando o vento bate nas chamas, proporciona um movimento ondulante nas sombras dos móveis. As imagens são, então, impregnadas do ritmo proposto pelo contador.

Diversos estudos apontam a imaginação como importante fator para o desenvolvimento do ser humano. Nesse momento é notório que além de proporcionar a vivência imaginária, uma sessão de histórias nos traz diversas informações que se somarão aos nossos conhecimentos. Mas o grupo de pesquisa *Cultura e Contadores Histórias: contos populares, literatura, jogos e brincadeiras* não tem como objetivo avaliar e interpretar as contribuições cognitivas desenvolvidas no outro por meio das histórias.

A imaginação não quer chegar a um diagrama que resuma conhecimentos. Procura apenas um pretexto para multiplicar as imagens e, quando a imaginação se interessa por uma imagem, majora o valor (BACHELARD, 1974, p.454).

Por isso, principalmente quando realizamos sessões de histórias em escolas, solicitamos aos professores que não cobrem atividades avaliativas referentes às histórias contadas. Como contadores oferecemos ao ouvinte situações que ele pode vivenciar

imaginariamente sem a obrigação de uma posterior avaliação. A experiência imaginária, neste contexto, é propriedade de cada um.

As imagens criadas não têm a obrigação de serem compartilhadas. A contação, como já foi dito, é uma solitária experiência coletiva. É na sessão de histórias quando todos ouvem o narrador, que o silêncio proporciona a solidão para a vivência imaginária. O silêncio permite que se ouça a história, que se criem imagens ao mesmo tempo em que se ouve a voz do contador, em que se vê seus gestos.

O silêncio também está presente quando o contador lê e prepara a história. Quando Bachelard (1974) fala da relação do poeta com o silêncio, podemos perceber que ele também é *ouvido* e vivenciado pelo contador/leitor.

É antes o silêncio que vem obrigar o poeta a escutá-lo. O sonho é tão mais íntimo. Não se sabe mais onde está o silêncio: no vasto mundo ou no passado imenso? O silêncio vem de mais longe que o vento que acalma, que uma chuva que ameniza (idem, p.471-472).

O silêncio oferece ao contador a intensa vivência do texto que ele lê, podendo despertar neles o interesse de contá-lo ou não. Tanto no momento de leitura do texto como no momento de preparação da história, noto, em minha experiência como contadora, que o silêncio não quer dizer apenas ausência de sons, mas também, momentos ímpares de construção de relações com a história. Momentos de maior envolvimento mas que não são verbalizáveis. Dessa forma o silêncio também encontra-se nesse espaço da vivência indecifrável mas, nem por isso, imperceptível. Essa relação proporciona uma familiaridade entre contador e texto que dá credibilidade a cada frase da história que é pronunciada, que faz tornar uma narração verdadeira.

Ao falar do valor vocal da palavra *vasto* na obra Baudelaire, Bachelard reconhece a importância sonora da voz para a fixação, no pensamento, do que está escrito. “Às vezes o som de um vocábulo, a força de uma letra abre ou fixa o pensamento profundo da palavra” (ibidem, p.484).

Durante o estudo e preparação da história, o contador experimenta diferentes formas de falar as palavras. Aos poucos ele percebe quais delas tem maior profundidade e força naquele contexto, podendo, então, trabalhá-las para que o ouvinte possa ter maior compreensão e a história se fixe mais em seu pensamento.

Essa experiência proporciona a formação de diferentes imagens que podem vir na imaginação do contador durante a contação e serem ou não transformadas pela interação com o público.

Na sessão de histórias o público tem contato com o texto trabalhado, a voz traz a entonação e dá cor às palavras, possibilitando que o ouvinte forme imagens que podem ser influenciadas pelas sensações provocadas pela voz do contador.

Como afirma Busatto (2006), quando, no ato da contação o narrador vê, novamente, acontecer diante de si as cenas da história ele permite que o ouvinte também a veja acontecer. Numa história tudo *quer-dizer*, por isso o público precisa ouvir não apenas o que a boca do narrador diz, mas também o que seu corpo fala.

Porém, as imagens que o ouvinte cria não se limitam ao que o contador faz, usar visão interna vai além do palpável, o que lhe proporciona um encantamento pela verdade irreal da história.

Os testemunhos exemplares aos quais Machado (2004) se refere guiam diversos *Era uma vez...* criados pela humanidade. Estes, por sua vez, num movimento contínuo possibilitam que a humanidade continue a criar e a adubar o terreno imaginário.

Espera-se então, dessa forma, que este trabalho possa contribuir na formação de novos contadores, na atuação do professor na sala de aula, ao lidar com a imaginação e com a contação de histórias como rico solo para aprendizagem, com a valorização da tradição oral, com o estímulo à leitura e à escrita, para que as futuras páginas da história da humanidade não fiquem em branco e para que o *Homo Ludens* de Johan Huizinga (1971) nunca deixe de existir mas sim, aprenda a conviver com seu próprio desenvolvimento.

O FASCÍNIO É INEVITÁVEL!

Desenvolver este trabalho me possibilitou aplicar diversos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de graduação. Alguns já experimentados no grupo de pesquisas, mas outros ainda encontravam-se apenas como conhecimento teórico, sendo aqui vivenciados pela primeira vez. Também exigiu a busca de informações ainda não investigadas no curso, mas que se fizeram indispensáveis para o desenvolvimento desta pesquisa.

Além de aprofundar conhecimentos que se relacionavam à minha atuação como contadora, atriz, comunicadora e pesquisadora, essa pesquisa também envolve a satisfação de conhecer um pouco mais sobre algo que me fascina desde criança: a imaginação.

Sentia e sinto grande desejo de conhecer um pouco mais sobre a inquietação sedutora provocada pela experiência imaginária, oferecida pelas histórias. Uma necessidade de compreender racionalmente essa possibilidade do ser humano.

Como fascina notar o quanto a vivência imaginária oferecida pelo contador é intensa. Ele nos acolhe, nos nina, nos protege, pega em nossas mãos e nos leva. Nos faz sorrir, chorar, viver...

Elaborar cientificamente um conhecimento que em parte já era iniciado e, em parte, era completamente novo, proporcionou grandes surpresas mas também, dificuldades que eram e são superadas aos poucos. No que diz respeito ao teatro, esse estudo oferece elementos para que se conheça um pouco mais da relação do personagem, do narrador com o público e com a própria história.

Esse processo apontou diferentes pontos de vista, sobre os quais pode-se continuar essa pesquisa. O que é favorecido pela existência do grupo de pesquisas, pelo fato de que um projeto maior oferece diversas possibilidades de olhares que se complementam na elaboração do conhecimento. Um exemplo é o fato de que outra participante do grupo de pesquisas, Lívia Riether, desenvolve seu TCC sobre outro aspecto da contação de histórias, estudando os recursos do contador, mas se referindo ao momento da preparação da história. Ainda que falemos sobre questões diferentes, nossas discussões proporcionam o amadurecimento dos dois trabalhos.

Dentre os resultados dos diferentes projetos desenvolvidos, o grupo tem vários trabalhos em forma de pôster, comunicação oral e relatos de experiências, que são apresentados em eventos de várias áreas do conhecimento. Oferecendo assim, trocas de experiências e socialização de pesquisas acadêmicas.

No grupo percebemos que, nem todos que se integrarem a este tem a obrigação de serem contadores. Basta que sinta desejo de contribuir com a pesquisa.

Em momento algum este trabalho tem o interesse de esgotar o assunto, busco apresentar um olhar onde o horizonte pode se ampliar a cada dia. Em vez de trazer um fruto, ofereço uma possível semente para o conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Eurenice Soriano de. *Como desenvolver o potencial criador: um guia para a libertação da criatividade em sala de aula*. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Vale Santos Leal. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1974.

BARBOSA, Elyana. *Gaston Bachelard: o arauto da pós-modernidade*. Salvador, BA: Editora Universitária Americana, 1993.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BETTHELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CAFÉ, Ângela Barcellos. *Dos contadores de história e das histórias dos contadores*. Goiânia: Editora UFG, 2005.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1971.

JAPIASSÚ, Hilton. *Para ler Bachelard*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne Avelar. *A Palavra do Contador de Histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.